

## **ADQUIRINDO SENSIBILIDADE TRANSCULTURAL: UMA MISSÃO ESPECIAL PARA AS IGREJAS**

### **ACQUIRING TRANSCULTURAL SENSITIVITY: A SPECIAL MISSION TO THE CHURCHES**

*Dr. Michael Kisskalt<sup>1</sup>*

#### RESUMO

Cada indivíduo possui determinada cunhagem cultural, que está em constante movimento devido à interação com pessoas de outras culturas. Dessa forma, as pessoas estão sempre aprendendo e se desenvolvendo transculturalmente. Estas mudanças vêm acompanhadas de sentimentos de insegurança e medo. Os filósofos da Antiguidade já reconheciam que o encontro com o desconhecido causa dor, por melhor que seja a intenção. O pedagogo Milton Bennett apresentou um conceito de aprendizado transcultural cujas diferentes etapas procuram fazer justiça a cada pessoa e à sua respectiva situação e capacidade de aprendizado. Ainda que a estrutura escalonada do modelo seja questionável, as pontes desenhadas por Bennett são muito úteis no trabalho transcultural nas igrejas. Assim, é possível tomar consciência das atitudes etnocêntricas ou mesmo etnorrelativas - as nossas e as do outro - e a partir disso elaborar o próximo passo a ser dado no progresso do relacionamento, sem exigir demais nem de si mesmo nem do outro. O autor ilustra sua teoria com experiências extraídas especialmente da interação entre alemães e africanos, mas que são aplicáveis a qualquer encontro transcultural. Justamente no contexto das igrejas é possível criar ambientes e encontrar “pessoas-ponte” que

<sup>1</sup>Michael Kisskalt é doutor em Teologia, professor de Missiologia e Teologia Transcultural e Reitor da Theologische Hochschule Elstal, Wustermark / Alemanha. E-mail: michael.kisskalt@th-elstal.de.

possibilitem a interação transcultural de forma positiva, ainda que para isso sempre seja preciso ter muita paciência.

**Palavras-chaves:** Igreja. Cultura. Etnocentrismo. Aprendizado transcultural.

## ABSTRACT

Each individual has certain cultural acquisition, which is in constant motion due to the interaction with people from other cultures. Thus, people are always learning and developing culturally. These changes are accompanied by feelings of insecurity and fear. The philosophers of antiquity already recognized that the encounter with the unknown causes pain, no matter how good the intention. The pedagogy of Milton Bennett presented a concept of transcultural learning whose different stages seek to do justice to every person and their respective situations and learning ability. Although the model of the stepped structure is questionable, the bridges designed by Bennett are very useful in the transcultural work in churches. So one can be aware of ethnocentric attitudes or even ethnorelations - our own and those of others - and from that develop the next step to be taken in the relationship progress without overtaxing himself or the other. The author illustrates his theory with experiences drawn especially from the interaction between Germans and Africans, but are applicable in any transcultural encounter. Precisely in the context of the churches one can create environments and find “people-bridge” to enable the cross-cultural interaction in a positive way, although patient is needed.

**Keywords:** Church. Culture. Ethnocentrism. Learning transcultural.

## INTRODUÇÃO

A questão da interação transcultural acompanha a humanidade desde o seu início.<sup>2</sup> O ser humano vive em diferentes grupos linguísticos, tradições e culturas. No momento em que transpõe uma fronteira cultural, precisa aprender a lidar com o outro. Já a história do povo de Israel, retratada no Antigo Testamento, manifesta as interessantíssimas dinâmicas da assimilação, integração e delimitação.<sup>3</sup> A igreja cristã também conhece o desafio do encontro transcultural desde os seus

<sup>2</sup> O artigo aqui apresentado foi publicado pela primeira vez em alemão, sob o título *Aprendendo a ter sensibilidade transcultural*, na revista *Theologisches Gespräch* 39 (2015), p. 126-135. Artigo traduzido por Doris Körber.

<sup>3</sup> Cf. KISSKALT, Michael. The Challenge of Immigrants in Old Israel According to the Testimony of the Old Testament. In: PENNER, Peter (Edit.). *Ethnic Churches in Europe: a Baptist Response*. Schwarzenfeld, 2006. p. 67-75.

primórdios: foi preciso que gregos e judeus, incircuncisos e circuncisos, crentes das mais diferentes regiões do império romano lutassem para *ser* igreja de Jesus Cristo, respeitando as diferenças e ao mesmo tempo descobrindo e cultivando aquilo que os unia. Nas últimas décadas, desde que mais e mais pessoas de culturas não europeias começaram a vir para a Alemanha, cristãos e pessoas em geral deste país também se veem cada vez mais impelidos a lidar de forma positiva com essa situação.

## I. O DESAFIO DO “DESCONHECIDO”

Qualquer encontro com o “outro” é um desafio, uma vez que as pessoas diferem bastante entre si por causa da sua individualidade, da sua cunhagem específica e da sua história. Assim, no primeiro momento qualquer pessoa é um estranho diante do meu próprio eu. Essa heterogeneidade do outro se intensifica e aguça mais e mais na medida em que a sua procedência cultural diferir da minha.

Naturalmente poderíamos imaginar que as cunhagens culturais incluam realidades humanas fundamentais que permitem o entendimento. Com certeza elas existem; mas essas condições humanas gerais estão especialmente impregnadas por seu respectivo contexto cultural, de forma que em meio a esta diversidade de cunhagens o aspecto humano desenvolve diferentes formas e expressões, idiomas e dialetos. Estas particularidades não são percebidas dentro do espaço da própria cultura, porque só tomamos consciência delas no momento em que nos encontramos com o desconhecido. É preciso, então, evitar o estabelecimento precipitado de valorações dentro da diversidade de cunhagens e idiomas do ser humano, uma vez que a escala de valores do eu também é influenciada pela cultura. Fica então a tarefa de satisfazer-se inicialmente com a percepção - a percepção do outro e também a percepção do eu refletida pelo outro.

Precisamos estar dispostos a enfrentar o desafio de empreender um caminho diferente para obter conhecimento e comunidade, algo que vá contra o que a filosofia grega defende em termos de princípios epistemológicos (“somente iguais se reconhecem”) e sociais (“iguais andam juntos”).<sup>4</sup> Desta forma encaramos o desconhecido como ele é, não correndo o risco de catalogá-lo precipitadamente de acordo com nossos próprios padrões de conhecimento e vida e evitando assim cometer injustiças. Esta é a única forma de combater a “desertificação da sociedade”<sup>5</sup>

<sup>4</sup>Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Gott im Projekt der modernen Welt: Beiträge zur öffentlichen Relevanz der Theologie*. Gütersloh, 1997. p. 126-132.

<sup>5</sup>MOLTSMANN, 1997, p. 126.

e fazer justiça à pluralidade da vida. Ao citar o filósofo Anaxágoras, Moltmann indica que a percepção e o encontro verdadeiros com o desconhecido causam uma certa “dor”: “Quando a desigualdade entra em contato com nossos órgãos sensoriais, há dor”.<sup>6</sup> O encontro com o outro sempre acarreta certa insegurança e irritação. Mas esta dor é inevitável quando se procura evitar o isolamento - seja em pensamento, seja na vida social. Ainda assim permanece o fato de que, de acordo com nossa própria história e experiência de vida, é, até certo ponto, possível abrir-se ao outro e à sua cunhagem cultural diferente. O importante é que tenhamos consciência da nossa própria atitude e dos nossos sentimentos de rejeição e curiosidade, dispondo-nos a construir pontes até o outro. A conscientização dos próprios limites é um passo importante neste encontro, mas a experiência do encontro também é necessária para esta conscientização. Quem sente esta dor dentro de si e ainda assim aceita a interação tem condições de construir pontes em direção ao outro e talvez até ajudá-lo a construir uma ponte em sua própria direção. O ideal ainda é que ele mesmo construa a ponte e nós apenas auxiliemos. Em qualquer uma dessas situações podemos adquirir sensibilidade transcultural, e é disso que queremos tratar a seguir.

## 2. DINÂMICAS DO ENCONTRO TRANSCULTURAL

A sensibilidade transcultural forma-se a partir de experiências concretas com o desconhecido, que gera movimentos dinâmicos em todos os envolvidos. Neste movimento deparamo-nos com tarefas que partem da sensibilidade transcultural existente para continuar a desenvolvê-la. A seguir, estas tarefas também são chamadas de pontes (interculturais), que somos chamados a transpor. Ao descrever estas pontes, o presente artigo guia-se pelo modelo transcultural do pedagogo americano Milton Bennett,<sup>7</sup> que cita seis *stages* [estágios] de *intercultural sensitivity* [sensibilidade transcultural]. Ele afirma que cada pessoa passa por seis etapas ao se deparar com uma cultura desconhecida. Ele designa as três primeiras de *ethnocentric stages* [estágios etnocêntricos], pois nesta fase a percepção do desconhecido ainda é fortemente influenciada pela posição pessoal. Somente a partir da quarta etapa é que começamos a relativizar nossa própria cunhagem cultural e a nos colocar no lugar do outro. Por isso, Bennett chama os estágios 4 a 6 de *ethnorelative stages* [estágios etnorrelativos]. O alvo e ponto alto do processo transcultural é o 6º estágio, a “integração”.

<sup>6</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 133.

<sup>7</sup> Cf. BENNETT, Milton J. Towards ethnorelativism: a development model of intercultural sensitivity. In: PAIGE, R. Michael. *Education for the intercultural experience*. 2. ed. Yarmouth, 1993. p. 21-71.

A seguir partiremos da estrutura básica do modelo de Bennett, mas não usaremos o conceito dos “estágios”. O que ele descreve como *stages* será visto mais como uma tarefa ou uma ponte que as partes envolvidas precisam encarar ou atravessar para desenvolver sua sensibilidade transcultural. É preciso questionar esta representação do processo transcultural como um progresso contínuo em degraus, um percurso ascendente até um ponto máximo.<sup>8</sup> Este tipo de esquema estabelece uma diferença entre os “fracos”, que não conseguem sair da fase etnocêntrica, e os fortes, capazes de um alto grau de autoquestionamento e abstração. Além disso, este esquema subentende que tal desenvolvimento retilíneo seja possível, e que de fato um dia a pessoa chegará ao ponto máximo. É claro que a esquematização de um modelo escalonado é útil para compreender e interpretar processos transculturais, apontar soluções possíveis e exercitar a formação transcultural do ponto de vista do aluno; mas a realidade da transculturalidade é muito mais dinâmica e desigual do que este modelo pressupõe. É possível que a pessoa imagine ter alcançado o ponto máximo da integração e da interação com outras culturas, mas ainda assim ocasionalmente recaia em comportamentos etnocêntricos. Por isso, a seguir demonstraremos as fases do desenvolvimento transcultural de Bennett com suas características e tarefas específicas, mas não como se fossem degraus a subir e sim como pontes transculturais, que os envolvidos podem e devem construir em determinados momentos de sua interação. Concordamos com Bennett no sentido de que é possível adquirir e desenvolver sensibilidade transcultural, sempre partindo da respectiva posição da pessoa envolvida. É isto que descreveremos a seguir. Os exemplos concretos citados provêm da interação entre culturas africanas e a cultura alemã, pois são as que melhor conheço.

## 2.1 Dinâmicas etnocêntricas

O desenvolvimento da sensibilidade transcultural é um caminho a ser trilhado. O ponto de partida, segundo Bennett, é a negação (*denial*)<sup>9</sup> de outras culturas, a ignorância transcultural: “Just as an egocentric person simply does not consider

<sup>8</sup> O próprio Bennett relativiza seu esquema de estágios ao apontar para a dinâmica dos movimentos dentro do modelo (“It is not assumed that progression through these stages is one-way or permanent” [Não se pressupõe que o progresso ao longo destes estágios ocorra apenas em uma direção ou que seja permanente]; cf. BENNETT, 1993, p. 26s), mas seu foco é o *personal growth* [crescimento pessoal] (p. 22) e um desenvolvimento orientado para determinado objetivo, a ser influenciado pela formação e educação (p. 22s). Ao final do sexto estágio ele espera que os envolvidos continuem desenvolvendo outros estágios ainda desconhecidos (p. 65).

<sup>9</sup> Cf. BENNETT, 1993, p. 30-34.

the existence of cultural difference” [“Como uma pessoa egocêntrica, simplesmente não se considera a existência de diferenças culturais”].<sup>10</sup> A pessoa supõe que todas as demais compartilhem de sua própria cultura. Esta atitude existe principalmente entre indivíduos que ao longo de sua vida praticamente não saíram de seu ambiente original. Mas esta atitude de negação também existe em pessoas que se movimentam apenas em seu próprio contexto cultural, como se fosse um gueto. Elas isolam-se e mantêm distância proposital de pessoas com outras cunhagens culturais. Em determinadas ocasiões, isso assume formas ingênuas e inofensivas.

Em 1997, quando eu era diretor do Seminário Teológico em Ndiki (Camarões) e recebi livros para evangelismo enviados dos Estados Unidos para uso entre os africanos, percebi esta atitude fundamental nos remetentes, que aparentemente não conseguiam conceber que havia culturas diferentes da americana, nas quais suas estratégias típicas não funcionariam.

Hoje os movimentos migratórios em todo mundo estão de tal forma acelerados que dificilmente ainda haverá pessoas com este tipo de ignorância transcultural. Infelizmente ainda há uma outra tendência, que Bennett chama de separação (*separation*),<sup>11</sup> em que não se deseja ver a realidade das outras culturas; esta postura pode levar a tendências racistas, que se associam ao aspecto de depreciação da atitude que descreveremos em seguida. Diante de pessoas com este tipo de tendência, a missão pedagógica é demonstrar as diferenças culturais de forma positiva, p.ex. com uma festa internacional e multicultural.

De acordo com Bennett, a ignorância cultural e sua tendência ao isolamento frequentemente se associam ao segundo estágio: a postura de *defesa* da cultura pessoal.<sup>12</sup> Ele afirma que esta defesa (*defense*) apresenta duas tendências, a da depreciação (*denigration* ou *superiority*: exaltar a si mesmo e desprezar o outro); ou a tendência da inversão (*reversal*: depreciar a si mesmo e exaltar o outro).

Quando os imigrantes africanos na Alemanha descrevem as igrejas e os cristãos alemães como frios, eles destacam o calor de sua própria fé e da sua convivência comunitária. Por outro lado (*reversal*), julgam-se incapazes de resolver conflitos, enquanto os alemães já teriam aprendido a lidar com os desentendimentos em suas igrejas.

Como missionário em Camarões, senti emoções contraditórias semelhantes, dividido entre a admiração e a repulsa, quando

<sup>10</sup> BENNETT, 1993, p. 30.

<sup>11</sup> Cf. BENNETT, 1993, p. 32s.

<sup>12</sup> Cf. BENNETT, 1993, p. 34-41.

desfrutava da fé calorosa e intuitiva dos cristãos africanos ao mesmo tempo em que sofria com seu método administrativo, que eu julgava caótico.

Não é ruim defender sua própria cultura; para se defender, é preciso no mínimo ter consciência das diferenças em relação ao outro. Por isso, esta postura é uma ponte no caminho da sensibilização transcultural, mas ninguém deveria ficar parado nela.

Pessoas presas à defesa de sua própria cultura podem receber a tarefa de descobrir a relatividade da cunhagem cultural. Como medida pedagógica, Bennett sugere que os envolvidos realizem alguma atividade conjunta, para assim descobrir os aspectos humanos comuns entre si.<sup>13</sup>

Assim, logo chegamos a uma nova etapa no caminho da sensibilidade transcultural, a saber, a ponte da *minimização*.<sup>14</sup> Sua característica é não dar importância demasiada à cunhagem cultural do ser humano. Também poderíamos chamar esta atitude de *universalização*: as pessoas começam a detectar os aspectos humanos comuns por trás de todas as cunhagens culturais. Todos nós somos pessoas de carne e osso,<sup>15</sup> precisamos comer, beber, dormir e sentimos amor e decepção. Bennett compara isso à tendência do universalismo transcendente (*transcendent universalism*).<sup>16</sup> A dimensão transcendente no desenvolvimento da sensibilidade transcultural é muito importante no contexto das igrejas cristãs:

Entre cristãos ou pessoas religiosas em geral há a tendência de expressar esses pontos em comum no plano transcendente. 'Afinal, somos todos cristãos, lemos a Bíblia e oramos a Deus!' Esta atitude é especialmente perceptível entre os jovens imigrantes cristãos da segunda geração: indecisos ou até perdidos entre a cultura original de seus pais e a cultura de sua pátria atual, eles não se veem nem como alemães nem como..., mas como cristãos. O cristianismo, como terceira opção, torna-se sua verdadeira cultura.<sup>17</sup>

Ainda que esta descoberta seja libertadora para algumas pessoas oriundas de conflitos transculturais, a minimização da questão cultural não é a solução final para todos os problemas. Afinal, é impossível ignorar a cunhagem cultural do ser humano. Rapidamente o dia a dia evidencia que determinadas questões e atividades são

<sup>13</sup> Cf. BENNETT, 1993, p. 41.

<sup>14</sup> Cf. BENNETT, 1993, p. 41-46.

<sup>15</sup> Cf. BENNETT, 1993, p. 42s: "*physical universalism*".

<sup>16</sup> BENNETT, 1993, p. 43s.

<sup>17</sup> Cf. minhas explicações sobre a segunda geração de migrantes cristãos na Alemanha, em PENNER, Peter. *Ethnic Churches in Europe. A Baptist Response*. Schwarzenfeld, 2006. p. 149s.

resolvidas a partir de determinadas cunhagens culturais. Por exemplo, a compreensão da própria sexualidade e a percepção do sexo oposto e de todos os papéis relacionados a isso. Neste caso, a missão pedagógica seria mostrar aspectos positivos e negativos da nossa própria cunhagem cultural e também do outro. A multiplicidade cultural é importante para dar valor à vida, inclusive na comunidade humana. A percepção e a formação positivas desta multiplicidade cultural, sem emitir juízos de valor, é o que torna as dinâmicas etnorrelativas tão especiais. Vamos descrevê-las a seguir.

## 2.2 Dinâmicas etnorrelativas

A postura universalizante, que coloca o próprio ser humano em primeiro plano, pode levar a uma atitude que começa a deixar de olhar para sua própria cunhagem cultural. É o que Bennett considera o começo das fases etnorrelativas. Vamos acompanhar sua nomenclatura, que chama esta “ponte” de *aceitação (acceptance)*.<sup>18</sup> Aceita-se a factualidade das diferenças culturais e deixa-se de atribuir valor a elas. A cultura do outro, com todas as suas implicações, comportamentos e valores, faz sentido - não para mim, mas para ele! Em determinados contextos culturais, é possível identificar-se com a forma como os outros se comunicam (inclusive não verbalmente) ou se organizam de forma hierárquica ou democrática; ela tem causas históricas compreensíveis, e determinadas condições atuais também podem ser entendidas no presente.

O fato de os alemães serem bons em planejamento talvez esteja relacionado ao fato de que durante milênios tiveram de se programar bem para sobreviver aos invernos gelados. Nos países tropicais, por outro lado, há frutas o ano inteiro; nestes lugares, o planejamento de longo prazo não era necessário para a sobrevivência. Esta podia ser garantida mesmo com planos de curto prazo, determinados a partir das condições momentâneas.

Podemos observar que as cunhagens culturais vão se alterando no decorrer do tempo. Muitas vezes, a aceitação de comportamentos culturais é o primeiro passo para que seja possível se adaptar aos valores da cultura desconhecida. Seja como for, é importante manter a atitude fundamental de simpatia na percepção, valorização e concessão das diferenças culturais.

O fato de os imigrantes começarem sua nova vida procurando associar-se ao seu próprio grupo cultural é um processo absolutamente normal no caminho para a integração. Igrejas e

<sup>18</sup> Cf. BENNETT, 1993, p. 47-59.



comunidades étnicas têm sua razão de ser na Alemanha; é aqui que os imigrantes de outras culturas se reúnem para encontrar um pouco de calor familiar em um ambiente desconhecido e para ajudar-se mutuamente a sobreviver aqui. Os alemães que vivem em Camarões também têm lugares e pontos de encontro onde podem dar vazão às formas de comunicação específicas de sua cultura. É compreensível e totalmente normal que os imigrantes se identifiquem e se unam, para então partirem juntos e de forma organizada para a integração. As igrejas nativas tradicionais precisam suportar esta convivência e trabalhar para mantê-la positiva. Elas não podem pressionar os imigrantes a se associarem a elas.

A partir do momento em que as pessoas já tenham uma postura de aceitação na convivência com o outro, a próxima tarefa pedagógica pode ser formatar um espaço para a comunicação transcultural em que a cunhagem específica do outro seja percebida como enriquecedora para si mesmo, p.ex., trabalhando conjuntamente em determinado projeto. Desta forma talvez cheguemos à ponte seguinte da sensibilidade transcultural, que Bennett chama de *adaptação*.

Para determinadas pessoas, uma etapa especial na tarefa da sensibilização transcultural, algo que vai além da aceitação, pode ser empatizar com a cultura do outro e verificar se não há nela elementos que possam ser adotados na própria cultura. Bennett chama isso de *adaptar*.<sup>19</sup> Com este termo, Bennett procura distanciar-se conscientemente de conotações relacionadas à assimilação, na qual uma identidade é absorvida pela outra cultura. De acordo com ele, a adaptação cultural acontece na medida em que o indivíduo percebe empatia pela outra cultura e permite que sua própria seja enriquecida por isso.<sup>20</sup>

O que aconteceria se eu tentasse não planejar tudo com antecedência, mas resolvesse esperar para ver o que acontece e então reagir a isso? Ou então: e se eu não deixasse tudo em aberto, mas programasse algumas coisas, para poder canalizar melhor o que for acontecendo? Ou: será realmente tão importante repassar todos os detalhes da ordem do dia em uma reunião quando isso acaba restringindo o tempo de

<sup>19</sup> Cf. BENNETT, 1993, p. 51-59.

<sup>20</sup> Para diferenciar entre simpatia e empatia, quero mencionar o princípio das “etapas hermenêuticas” de SUNDERMEIER, Theo. *Den Fremden verstehen: eine praktische Hermeneutik*. Göttingen, 1996. p. 137-197. No caminho em direção à compreensão do desconhecido ele diferencia entre “percepção distanciada”, “observação participante”, “identificação (parcial)” e “convivência”. Sundermeier associa a observação participante do desconhecido com o termo “simpatia”, enquanto a identificação (parcial) é associada com “empatia”; esta “hermenêutica prática” para a compreensão do desconhecido aproxima Sundermeier da abordagem de Bennett. De acordo com Bennett, a simpatia é manifestação de uma atitude ainda etnocêntrica.

comunhão à mesa? Comer e festejar em conjunto não poderia ajudar a resolver alguns problemas de forma ainda melhor? Na convivência entre cristãos nativos e imigrantes, isto talvez signifique que alguns elementos da outra cultura sejam incorporados à própria prática.

Um dos desafios desta postura transcultural de “adaptação empática” surge quando a empatia não é retribuída. Um dos riscos desta atitude é que o entusiasmo transcultural nos leve a deixar de perceber a dor da diferença cultural. Bennett<sup>21</sup> vê como uma forma avançada de adaptação o fato de algumas pessoas absorverem em si cunhagens e comportamentos de diversas culturas, e manifestarem um ou outro dependendo do contexto. Estas pessoas muitas vezes exigem demais dos outros ao querer que eles apresentem a mesma abertura transcultural.

Por fim, Bennett apresenta a *integração* como forma especial de sensibilidade transcultural.<sup>22</sup> Quem chega a esta ponte carrega dentro de si diversas cunhagens culturais, movimenta-se com segurança em várias culturas e, dependendo do contexto, manifesta diferentes comportamentos culturais.

Às vezes faz sentido dizer ‘não’ de forma clara. Em outros momentos, é possível evitar o ‘não’ com palavras hábeis e elogiosas, como os africanos fazem tão bem. É bom apontar de forma direta para o erro cometido por mim mesmo ou por outra pessoa? No contexto alemão, este comportamento tende a ser bem recebido; no contexto africano, normalmente é ruim. Mas em alguns casos poderia ser bom que os africanos adotassem o estilo alemão, e vice-versa. A capacidade de usar os dois estilos faz parte da postura integradora.

De acordo com a situação, toma-se uma decisão consciente em favor de um ou outro comportamento cultural; se necessário, pode-se agir também de forma totalmente contrária ao que seria convencional naquela cultura. A análise ética do contexto durante a tomada de decisão é parte da integração.

Pessoas com este tipo de sensibilidade transcultural integral muitas vezes vivem mais à margem das comunidades humanas. Bennett chama isso de “marginalidade construtiva”.<sup>23</sup> Sua capacidade de reinventar constantemente a sua cunhagem cultural torna-as criativas e excelentes construtoras de pontes em conflitos transculturais, mas elas tendem a ser mais vulneráveis e solitárias que indivíduos que se identificam claramente com seus grupos culturais de origem. Quando um jovem trabalha ou estuda

<sup>21</sup> BENNETT, 1993, p. 54-58 chama isso de forma pluralista de adaptação.

<sup>22</sup> Cf. BENNETT, 1993, p. 59-65.

<sup>23</sup> “Constructive Marginality”, cf. BENNETT, 1993, p. 63-65, esp. p. 63.

durante muitos anos em outra cultura, pode acontecer de chegar um ponto em que não se sinta aceito nem na sua cultura de origem nem na nova cultura. Ainda assim, Bennett considera justamente estas pessoas como extremamente importantes para o desenvolvimento da sensibilidade transcultural de uma comunidade ou sociedade, pois estão capacitadas a mediar conflitos transculturais em torno de valores e liderar diálogos respeitosos.

### 3. ADQUIRINDO SENSIBILIDADE TRANSCULTURAL

Exceto pelo ponto de partida da ignorância e do isolamento cultural, todas as outras etapas da sensibilidade cultural têm seus pontos fortes e fracos. Ao olhar para essas possibilidades da convivência transcultural, é importante detectar, em primeiro lugar, em que posição eu mesmo me encontro na relação com determinado contexto cultural desconhecido. Uma vez definida esta posição, é possível traçar o próximo passo.

Se eu desejar liderar outras pessoas neste caminho, preciso levar em conta que minha própria forma não pode ser transformada em padrão para todos os demais. Cada pessoa precisa trilhar seu próprio caminho. A incumbência do orientador transcultural é ajudar os demais a reconhecer em que ponto eles mesmos estão e qual é a próxima tarefa a encarar a partir desta postura. Tanto a posição atual quanto a tarefa não podem ser generalizadas para todos os contextos culturais. Por exemplo, é possível que alguém já esteja em fase de adaptação em relação a determinadas culturas africanas, mas que em relação a certas culturas asiáticas ainda esteja no começo, experimentando delimitação e admiração ao tentar compreender as diferenças.

No caminho da integração e inclusão no contexto eclesiástico isso significa que é preciso ter *paciência* com *todos* os envolvidos. É preciso tomar cuidado para não impor determinado comportamento transcultural a um grupo de pessoas, especialmente em uma igreja cristã. Com base no mandamento do amor deixado por Jesus, pode-se demandar o compromisso de estudar o assunto e começar a trilhar este caminho do encontro transcultural. Alguns membros da igreja vão se abrir mais rapidamente, outros menos, dependendo do ponto em que estiverem na dinâmica transcultural relacionada à cultura desconhecida. Cristãos imigrantes também precisam de tempo para encontrar a si mesmos e o caminho da integração na Alemanha ainda desconhecida. Nesta fase de transição é importante construir pontes. Todos os lados precisam daquelas pessoas mais abertas ao desconhecido do que outras. É preciso encontrar, encorajar e acompanhar estas pessoas.

Além das pontes, as pessoas também precisam de estruturas que possibilitem os encontros: retiros de igreja dos quais os membros “do outro grupo” também possam participar; festas e refeições comunitárias; participação alternada nos cultos uns dos outros. Os integrantes da cultura majoritária são especialmente desafiados a abrir portas e dar os primeiros passos para o encontro. Os pastores africanos na Alemanha, por exemplo, queixam-se com razão de que sempre se espera que eles participem dos eventos da igreja alemã, mas que os nativos praticamente não apareçam quando são convidados a participar do culto africano. O encontro precisa acontecer não somente no terreno seguro da comunidade majoritária, mas também no espaço desconhecido da minoria.

É preciso ter paciência e perseverança. A integração pode levar várias gerações para acontecer. Mas a simples história dos batistas alemães na metade do século 20 - quando milhares de refugiados de guerra acorreram à Europa central - mostra que a fé batista possui uma grande força integradora.

É importante resguardar-se contra generalizações e não exigir demais de ninguém, nem de si mesmo nem de outros. O modelo de Bennett ajuda a determinar a nossa própria posição e a reconhecer o posicionamento transcultural das pessoas à nossa volta. A partir disso, é possível desenhar passos concretos e viáveis para o aprendizado transcultural.

## REFERÊNCIAS

BENNETT, Milton J. Towards Ethnorelativism: a development model of intercultural sensitivity. In: PAIGE, R. Michael. **Education for the intercultural experience**. 2. ed. Yarmouth, 1993, p. 21-71.

KISSKALT, Michael. The Challenge of Immigrants in Old Israel According to the Testimony of the Old Testament. In: PENNER, Peter (Edit.). **Ethnic Churches in Europe: a Baptist Response**. Schwarzenfeld, 2006, p. 67-75.

MOLTMANN, Jürgen. **Gott im Projekt der modernen Welt: Beiträge zur öffentlichen Relevanz der Theologie**. Gütersloh, 1997, p. 126-132.

PENNER, Peter. **Ethnic Churches in Europe. A Baptist Response**. Schwarzenfeld, 2006, p. 149s.

SUNDERMEIER, Theo. *Den Fremden verstehen. Eine praktische Hermeneutik.* Göttingen, 1996, p. 137-197.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional



## **INTERKULTURELLE SENSIBILITÄT LERNEN: EINE BESONDERE AUFGABE FÜR KIRCHEN UND GEMEINDEN**

*Dr. Michael Kikkalt<sup>1</sup>*

### ZUSAMMENFASSUNG

Jeder Mensch hat eine bestimmte kulturelle Prägung, die sich durch Begegnungen mit Menschen anderer Kulturen immer in Bewegung befindet. Menschen sind also immer dabei, interkulturell zu lernen und sich weiterzuentwickeln. Diese Veränderungen werden begleitet von Gefühlen der Unsicherheit und der Angst. Die Begegnung mit dem Fremden, das wussten schon die antiken Philosophen, verursacht Schmerzen, so gut man es auch meinen mag. Der Pädagoge Milton Bennett hat ein interkulturelles Lernkonzept vorgelegt, das in seinen verschiedenen Stufen den Menschen in ihrer jeweiligen Situation und Lernfähigkeit gerecht werden will. Auch wenn das Modell in seiner stufenartigen Anlage infrage gestellt wird, sind doch die von Bennett gezeichneten Brücken gut für die interkulturelle Arbeit in Kirchen anwendbar. So kann man sich selbst oder sein Gegenüber in seiner ethnozentrischen oder auch ethnorelativen Haltung wahrnehmen, und daraus erschließen, welche nächsten Entwicklungsschritt man jeweils gehen kann, ohne sich selbst und den Anderen zu überfordern. Der Autor erläutert die Theorie mit seinen Erfahrungen vor allem in der deutsch-afrikanischen Begegnung, doch sind sie auf alle interkulturelle Begegnungen anwendbar. Gerade im Kontext von Kirchen kann man Räume schaffen und „Brückenmenschen“ finden, die

---

<sup>1</sup>Prof. Dr. Michael Kikkalt: Professor für Missionswissenschaft und Interkulturelle Theologie, Rektor.

interkulturelle Begegnung im positiven Sinne möglich machen, auch wenn man hier immer einen langen Atem braucht.

## INTRODUCTION

Das Thema der interkulturellen Begegnung begleitet die Menschheit seit ihrem Bestehen.<sup>2</sup> Menschen leben in verschiedenen Sprachgruppen, Traditionen und Kulturen. Sobald sie ihre Kulturgrenze überschreiten, müssen sie lernen miteinander zurecht zu kommen. Schon in der Geschichte des Volkes Israels, wie sie sich im Alten Testament widerspiegelt, ereignen sich die spannungsreichen Dynamiken von Assimilation, Integration und Abgrenzung.<sup>3</sup> Auch die christliche Kirche kennt die Herausforderung der interkulturellen Begegnung seit ihren Anfängen: Griechen und Juden, Unbeschnittene und Beschnittene, Glaubende aus verschiedensten Regionen des römischen Reiches mussten darum ringen, Kirche Jesu Christi zu sein, die Unterschiedlichkeiten zu respektieren und dabei das Verbindende zu entdecken und zu pflegen. In den letzten Jahrzehnten, seitdem mehr und mehr Menschen aus nicht-europäischen Kulturen in Deutschland einwandern, stehen auch die Menschen und Christen in diesem Land verstärkt vor der Herausforderung, mit dieser Situation positiv umzugehen.

Michael Kisskalt

### 1. DIE HERAUSFORDERUNG „DES FREMDEN“

Jede Begegnung mit „dem Anderen“ ist eine Herausforderung, weil Menschen schon aufgrund ihrer Individualität, in ihrer individuellen Prägung und Geschichte recht unterschiedlich sind. So steht jeder Andere zuerst einmal dem eigenen Ich als Fremder gegenüber. Gesteigert und zugespitzt wird die Fremdheit des Anderen jedoch, wenn seine kulturelle Herkunft so ganz anders ist als die eigene.

Natürlich könnte man meinen, dass es durch die kulturelle Prägungen hindurch humane Grundgegebenheiten gibt, die ein Verstehen ermöglichen. Solche gibt es durchaus; doch werden diese allgemein menschlichen Konditionen durch ihr jeweiliges kulturelles Umfeld besonders konditioniert, so dass das Menschliche in der Vielfalt der kulturellen Prägungen unterschiedliche Formen und Ausprägungen, Sprachen und Dialekte entwickelt. Diese Besonderheiten werden im Raum der

<sup>2</sup>Der hier veröffentlichte Artikel erschien in Deutsch erstmals unter dem Titel „Interkulturelle Sensibilität lernen“ in der Zeitschrift Theologisches Gespräch 39 (2015), S.126-135.

<sup>3</sup>Vgl. KISSKALT, Michael: The Challenge of Immigrants in Old Israel According to the Testimony of the Old Testament; in: PENNER, Peter (ed.): Ethnic Churches in Europe - a Baptist Response, Schwarzenfeld 2006, 67-75.



eigenen Kultur nicht wahrgenommen, weil sie erst in der Begegnung mit dem Fremden bewusst werden. Dabei sollte man sich davor hüten, in der Vielfalt der Ausprägungen und Sprachen des Menschlichen vorschnell Wertungen vorzunehmen, denn das Wertungsgefüge des Ich ist wiederum kulturell geprägt. Es bleibt die Aufgabe, sich erst einmal mit dem Wahrnehmen zu begnügen, der Wahrnehmung des Fremden - und des Eigenen im Spiegel des Fremden.

Dabei sollte man sich aber der Herausforderung stellen, entgegen den in der griechischen Philosophie formulierten Prinzipien in der Erkenntnistheorie „Gleiches wird nur von Gleichem erkannt“ und in der Gesellschaftstheorie „Gleich und gleich gesellt sich gern“ einen anderen Weg des Erkennens und der Gemeinschaft einzuschlagen.<sup>4</sup> Auf diesem Weg stellt man sich dem Fremden als solchen, ohne ihn vorschnell in das eigene Muster des Erkennens und Lebens einzuordnen, und dem Anderen damit eben nicht gerecht zu werden. Nur so können wir der „Verödung der Gesellschaft“<sup>5</sup> entgegenwirken und der Buntheit des Lebens gerecht werden. Moltmann weist hier mit dem Philosophen Anaxagoras darauf hin, dass diese echte Wahrnehmung und Begegnung mit dem Fremden einen „Schmerz“ bewirkt: „Wenn das Ungleiche mit unseren Sinnesorganen in Berührung gebracht wird, entsteht Schmerz“.<sup>6</sup> Das Zusammentreffen mit dem Anderen bringt immer eine gewisse Verunsicherung und Irritation mit sich. Doch lässt sich dieser „Schmerz“ nicht vermeiden, wenn man sich nicht isolieren will, weder in seinem Denken noch in seinem sozialen Leben. Dennoch bleibt die Tatsache bestehen, dass man sich dem Anderen je nach der eigenen Lebensgeschichte und -erfahrung in seinem fremden kulturellen Geprägtsein mehr oder weniger öffnen kann. Wichtig ist, dass man seine eigene Haltung, das Gefühl der Ablehnung sowie der Neugierde, wahrnimmt, und bereit ist, für sich eine Brücke zu Anderen zu bauen. Das Bewusstwerden der eigenen Grenzen ist ein wichtiger Schritt in der Begegnung. Doch zu diesem Bewusstwerden braucht es auch die Erfahrung der Begegnung. Wer diesen Schmerz in sich wahrnimmt und dennoch die Begegnung wagt, kann Brücken zum Fremden bauen und vielleicht auch dem Anderen helfen, eine Brücke zu sich zu bauen. Besser ist es allerdings, er baut diese Brücke selbst und man geht ihm dabei zur Hand. Auf jeden Fall kann man interkulturelle Sensibilität lernen, und darum soll es im Folgenden gehen.

<sup>4</sup> Vgl. MOLTSMANN, Jürgen: Gott im Projekt der modernen Welt. Beiträge zur öffentlichen Relevanz der Theologie, Gütersloh 1997, 126-132

<sup>5</sup> MOLTSMANN, Gott 126 (wie Anm 3).

<sup>6</sup> MOLTSMANN, Gott 133 (wie Anm. 3).

## 2. DYNAMIKEN DER INTERKULTURELLEN BEGEGNUNG

Interkulturelle Sensibilität entsteht durch konkrete Erfahrungen des Fremden, die jeden Beteiligten in dynamisch in Bewegung setzt. In dieser Bewegung wird man vor Aufgaben gestellt, die von der bestehenden interkulturellen Sensibilität ausgehen und diese dann weiterentwickeln. Diese Aufgaben werden im Folgenden auch (interkulturelle) Brücken genannt, die man aufgefordert ist zu überqueren. In der Beschreibung dieser Brücken orientiert sich dieser Artikel am interkulturellen Modell des amerikanischen Pädagogen Milton Bennett,<sup>7</sup> der sechs „stages“ der „intercultural sensitivity“ beschreibt. Seiner Meinung nach muss jeder Mensch in der Begegnung mit einer fremden Kultur sechs Stufen durchlaufen. Die ersten drei nennt er „ethnocentric stages“, denn in dieser Phase wird das Fremde und der Fremde noch sehr stark aus der eigenen Position heraus wahrgenommen. Erst ab der vierten Stufe beginnt man, seine eigene kulturelle Geprägtheit zu relativieren und sich in den Anderen hineinzusetzen. So nennt Bennett die Stufen 4 bis 6 die „ethnorelative stages“. Ziel und Höhepunkt des interkulturellen Prozesses ist dann die 6. Stufe des „Integrierens“.

Im Folgenden wird die Grundstruktur des Modells von Bennett aufgegriffen, aber nicht die Begrifflichkeit der „Stufen“. Was Bennett unter „stages“ beschreibt, wird eher als Aufgabe oder als Brücke gesehen, die die Betroffenen zur Entwicklung ihrer interkulturellen Sensibilität angehen oder überqueren sollten. Denn die Darstellung des interkulturellen Prozesses in der Form eines kontinuierlichen Fortschreitens in Stufen hin zu einer höchsten Haltung ist zu hinterfragen.<sup>8</sup> Ein solches Schema unterscheidet zwischen „Schwachen“, die aus der ethnozentrischen Phase nicht herauskommen, und den Starken, die zu einer hohen Selbst-Infragestellung und Abstraktion imstande sind. Außerdem unterstellt es, dass eine solche geradlinige Entwicklung möglich ist, und man tatsächlich eines Tages am höchsten Punkt ankommt. Natürlich hilft ein solches Stufenmodell mit seiner Schematisierung, interkulturelle Prozesse zu verstehen, zu deuten, Lösungswege aufzuzeigen und die interkulturelle Bildungsarbeit im

<sup>7</sup>Vgl. BENNETT, Milton J.: Towards Ethnorelativism: a development model of intercultural sensitivity; in R. Michael Paige: Education for the intercultural experience, Yarmouth 2.Aufl. 1993, 21-71.

<sup>8</sup> Bennett relativiert zwar selbst sein Stufenschema, indem auf die Bewegungsdynamik innerhalb des Modells („It is not assumed that progression through these stages is one-way or permanent“) verweist (vgl. Bennett, Ethnorelativism 26f; Zitat: ebd.), aber es geht ihm doch um „personal growth“ (Bennett 22) und um eine zielgerichtete Entwicklung, auf die Bildung und Erziehung einwirken soll (vgl. a.a.O. 22f). Am Ende der sechsten Stufe hofft er, dass die Betroffenen weitere, ihn noch unbekannte Stufen entwickeln (vgl. a.a.O. 65).

Blick auf des Stand der zu Bildenden auszuüben; doch zeigt sich die Wirklichkeit der Interkulturalität erheblich dynamischer und uneinheitlicher, als es dieses Modell voraussetzt. So kann man meinen, den höchsten Punkt der Integration und des sich Bewegens in unterschiedlichen Kulturen erreicht zu haben und fällt doch bei mancher Gelegenheit in ethnozentrische Verhaltensweisen zurück. Darum werden im Folgenden die interkulturellen Entwicklungsphasen Bennetts in ihren jeweiligen besonderen Beschreibungen und Aufgabenstellungen festgehalten, doch eben nicht im Sinne von Stufen, sondern von interkulturellen Brücken, die betroffene Menschen in bestimmten Begegnungssituationen bauen könnten und sollten. Festzuhalten ist mit Bennett die Einsicht, dass man interkulturelle Sensibilität lernen und bilden kann, und zwar von der jeweiligen Position des Betroffenen ausgehend. Das gilt es im Folgenden zu beschreiben. Die eingefügten konkreten Beispiele stammen aus der Begegnung von zentralafrikanischer und deutscher Kultur, weil ich mit diesen Kulturen am besten vertraut bin.

## 2.1 Ethnozentrische dynamiken

Das Entwickeln interkultureller Sensibilität ist ein Weg. Der Ausgangspunkt ist, nach Bennett, das *Leugnen* („denial“)<sup>9</sup> von Kulturen, die interkulturelle Ignoranz: „Just as an egocentric person simply does not consider the existence of cultural difference“.<sup>10</sup> Man meint, die eigene Kultur sei die Kultur aller Menschen. Hier sind besonders Menschen betroffen, die sich ihr Leben lang kaum aus ihrem Lebensumfeld heraus bewegt haben. Die Haltung des Leugnens findet sich aber auch unter Menschen, die sich nur in ihrem eigenen kulturellen Umfeld wie in einem Ghetto bewegen. Sie isolieren sich und halten sich bewusst von kulturell anders geprägten Menschen fern. Dies mag bisweilen naiv-harmlose Formen annehmen.

Als ich noch 1997 als Leiter des Theologischen Seminars in Ndiki in Zentralkamerun Evangelisationsbücher aus Amerika zur Anwendung in Kamerun geschickt bekam, spürte ich diese Grundhaltung der Absender, die sich scheinbar nicht vorstellen konnten, dass es außerhalb der eigenen US-Kultur andere Kulturen gibt, in denen die typisch amerikanischen Strategien nicht funktionieren.

Inzwischen haben sich die weltweiten Migrationsbewegungen so stark

<sup>9</sup>Vgl. Bennett 30-34 (wie Anm. 6).

<sup>10</sup>Bennett 30 (wie Anm. 6).

beschleunigt, dass es wohl kaum noch Menschen gibt, die diese interkulturelle Ignoranz aufweisen. Leider findet sich auch die andere Tendenz, Bennett nennt es „separation“,<sup>11</sup> dass man die Wirklichkeit anderer Kulturen nicht sehen will; diese Einstellung kann zu rassistischen Tendenzen führen, die sich mit dem Aspekt der Herabwürdigung der im Folgenden skizzierten Haltung verbinden. Pädagogische Aufgabe gegenüber Menschen mit dieser Haltung ist es, ihnen die Unterschiedlichkeit von Kulturen positiv vor Augen zu führen, z.B. durch ein internationales, multikulturelles Fest.

Die interkulturelle Ignoranz mit ihrer Tendenz zur kulturellen Abschottung verbindet sich, nach Bennett, oft mit der zweiten Stufe: der Haltung des *Verteidigens* der eigenen Kultur.<sup>12</sup> Bei dieser „defense“ gibt es, nach Bennett, zwei Tendenzen, die Tendenz des Herabwürdigens („denigration“ oder „superiority“): sich selbst auf- und den anderen abzuwerten; oder zweitens die Tendenz der „Umkehrung“ („reversal“): sich selbst ab- und den anderen aufzuwerten.

Wenn afrikanisch geprägte Migranten in Deutschland die deutschen Kirchen und Christen als kalt bezeichnen, streichen sie die Wärme ihrer Glaubens und gemeinschaftlichen Zusammenhalts heraus. Andersherum („reversal“) schätzen sie sich selbst als unfähig in der Konfliktbewältigung ein, während die Deutschen in ihren Kirchen gelernt hätten, Konflikte zu bewältigen.

Ähnliche widerstrebende Gefühle, hin- und hergeworfen zwischen Bewunderung und Abscheu, hatte ich als Missionar in Kamerun, wenn ich die Wärme und Intuition des Glaubens der Christen dort genoss und gleichzeitig unter ihrer von mir als chaotisch wahrgenommenen Administration litt.

Das Verteidigen der eigenen Kultur ist nichts Schlechtes; immerhin nimmt man im Verteidigen des Eigenen den Unterschied zum Anderen bewusst wahr. So ist diese Haltung eine Brücke auf dem Weg der interkulturellen Sensibilisierung, doch sollte man nicht dabei stehen bleiben.

Eine Aufgabe für Menschen, die in der Verteidigung der eigenen Kultur feststecken, könnte sein, die Relativität des kulturellen Geprägtseins zu entdecken. Bennett schlägt als pädagogische Maßnahme vor, dass man etwas zusammen macht, und sich dabei in seinem gemeinsamen Menschsein entdeckt.<sup>13</sup>

So steht man bald vor einer neuen Aufgabe auf dem Weg der interkulturellen

<sup>11</sup> Vgl. Bennett 32f (wie Anm. 6).

<sup>12</sup> Vgl. Bennett 34-41 (wie Anm. 6).

<sup>13</sup> Vgl. Bennett 41 (wie Anm. 6).

Sensibilität, nämlich auf der Brücke der „*Minimization*“.<sup>14</sup> Hier geht es darum, dass man die kulturelle Prägung des Menschseins nicht so wichtig nimmt. Man könnte diese Haltung auch „*Universalisieren*“ nennen: Menschen beginnen, hinter all den kulturellen Prägungen ihr gemeinsames Menschsein zu entdecken. Wir sind alle Menschen aus Fleisch und Blut,<sup>15</sup> müssen essen und trinken und schlafen und haben Gefühle von Liebe und Enttäuschung. Dem stellt Bennett die Tendenz des „*transcendent universalism*“<sup>16</sup> zur Seite. Im Kontext christlicher Kirchen ist die transzendente Dimension der Entwicklung der interkulturellen Sensibilität sehr wichtig:

Unter Christen, oder unter religiös geprägten Menschen überhaupt, besteht auch die Tendenz, diese Gemeinsamkeit in einem transzendenten Sinne auszudrücken. „Wir sind doch alle Christen, lesen die Bibel und beten zu Gott!“ Besonders unter den jugendlichen christlichen Immigranten der zweiten Generation ist diese Haltung zu spüren: Schwankend oder gar verloren zwischen der Herkunftskultur ihrer Eltern und der Kultur ihrer jetzigen Heimat verstehen sie sich weder als Deutsche noch als ..., sondern als Christen. Das Christsein als der dritte Ort wird zu ihrer eigentlichen Kultur.<sup>17</sup>

Mag diese Entdeckung für manche, die aus interkulturellen Konflikten kommen, befreiend sein, so stellt die Minimierung der Kulturfrage nicht die letzte Lösung aller Probleme dar. Denn man kann die kulturelle Prägung des Menschseins nicht ignorieren. Sehr schnell wird im Alltag klar, dass bestimmte Fragestellungen und Aufgaben von bestimmten kulturellen Prägungen her gelöst werden, beispielsweise das Verstehen der eigenen Geschlechtlichkeit und die Wahrnehmung des anderen Geschlechts mit all den Rollenbildern, die damit verbunden sind. In diesem Fall bestände die pädagogische Aufgabe darin, die eigene sowie die fremde kulturelle Prägung in ihren Stärken und Schwächen wahrzunehmen. Die kulturelle Vielfalt ist wichtig für ein lebenswertes Leben, auch in der menschlichen Gemeinschaft. Das positive Wahrnehmen und Gestalten der kulturellen Vielfalt, ohne zu werten, das ist die Besonderheit der ethnorelativen Dynamiken, die im Folgenden beschrieben werden.

<sup>14</sup> Vgl. Bennett 41-46 (wie Anm. 6)

<sup>15</sup> Vgl. Bennett 42f: „*physical universalism*“ (wie Anm. 6).

<sup>16</sup> Bennett 43f (wie Anm. 6).

<sup>17</sup> Vgl. meine Ausführungen zur „2nd generation“ der christlichen Migranten in Deutschland in: PENNER, Peter: *Ethnic Churches in Europe. A Baptist Response*, Schwarzenfeld 2006, 149f.

## 2.2 Ethnorelative dynamiken

Die universalisierende Haltung, die das allgemeine Menschsein in den Vordergrund rückt, kann zu einer Aufgabe führen, die nun von der eigenen kulturellen Prägung absieht. Hier beginnen nach Bennett die ethnorelativen Phasen. Mit Bennett sei diese „Brücke“ als *Akzeptieren* („acceptance“)<sup>18</sup> bezeichnet. Man akzeptiert die kulturelle Unterschiedlichkeit und bewertet sie nicht mehr. Die Kultur des Anderen mit all ihren Implikationen, in den Verhaltensweisen wie auch in den Werten, macht Sinn, - nicht für mich, aber für den Anderen! Die Art und Weise wie andere Menschen kommunizieren (auch nonverbal) oder sich hierarchisch oder basisdemokratisch organisieren, ist in bestimmten kulturellen Kontexten nachvollziehbar. Es ist geschichtlich aus verständlichen Gründen gewachsen und bestimmte aktuelle Bedingungen lassen es auch für das Jetzt verstehen.

Dass die Deutschen so gut planen können, hängt vielleicht damit zusammen, dass sie seit Jahrtausenden gut überlegen mussten, wie sie den kalten Winter überleben. In tropischen Ländern dagegen wachsen die Früchte das ganze Jahr über; langfristiges Planen war hier zum Überleben nicht nötig. Man konnte sich für das Überleben mit kurzfristigen Planungen begnügen und sehr stark aus der Situation heraus leben.

Dabei kann man beobachten, wie sich kulturelle Prägungen im Laufe der Geschichte immer wieder verändern. Dabei ist die Akzeptanz von kulturellen Verhaltensweisen oft der erste Schritt, bevor man sich mit den Werten der fremden Kultur anfreunden kann. Auf jeden Fall bleibt die positive Grundhaltung der Sympathie, die kulturellen Unterschiedlichkeiten wahrzunehmen, wertzuschätzen und ihnen Raum zu geben.

Wenn sich die Zuwanderer in Deutschland zuerst einmal in ihren Kulturgruppen sammeln, ist das auf dem Weg der Integration ein ganz normaler Prozess. So haben ethnische Kirchen und Gemeindegruppen in Deutschland ihre Berechtigung; hier sammeln sich Immigranten aus einer Kultur, um ein bisschen Nestwärme in der Fremde zu spüren und sich im Leben in der Fremde gegenseitig zu helfen. Auch die Deutschen in Kamerun haben ihre Orte und Treffpunkte, wo sie ihre kulturell geprägte Kommunikation leben können. Es ist nachvollziehbar und völlig normal, dass die Zuwanderer sich in ihrem Fremdsein gemeinsam wahrnehmen und sich organisieren, um sich dann überlegt und gemeinsam auf den

<sup>18</sup> Vgl. Bennett 47-59 (wie Anm. 6).

Weg der Integration zu machen. Alteingesessene, einheimische Kirchen müssen dieses Nebeneinander aushalten und positiv gestalten. Sie dürfen auf die zugewanderten Christen keinen vereinnehmenden Druck ausüben.

Wenn Menschen im Gegenüber zu einer bestimmten Kultur bereits in der Haltung der Akzeptanz leben, könnte eine pädagogische Aufgabe sein, der interkulturelle Kommunikation einen so gestalteten Raum zu geben, dass man die kulturelle Prägung des Anderen auch für seine eigene Existenz als Bereicherung erfährt, z.B., indem man an einem gemeinsamen Projekt arbeitet. So käme man vielleicht, nach Bennett, zur nächsten Brücke der interkulturellen Sensibilität: der „*Adaptation*“.

Eine besondere, über das Akzeptieren hinausgehende Aufgabe auf dem Weg der interkulturellen Sensibilisierung könnte für manche sein, sich in die Kultur des Anderen hinein zu fühlen und zu sehen, ob man Elemente aus dieser Kultur nicht für sich übernimmt. Bennett nennt es *Anpassen*.<sup>19</sup> Mit diesem Begriff will sich Bennett entschieden von Konnotationen abgrenzen, die mit „*Assimilation*“ zu tun haben, wo die eigene Identität von einer anderen Kultur absorbiert wird. Nach Bennett passt man sich interkulturell in dem Sinne an, dass man sich empathisch in die andere Kultur mit hinein nehmen und seine eigene Kultur bereichern lässt.<sup>20</sup>

Wie wäre es, wenn man einmal nicht vorplant, sondern wirklich darauf wartet, was geschieht und sich dann darauf einstellt?! Oder andersherum: Wie wäre es, wenn man nicht alles offen lässt, sondern ein bisschen vorplant, um dann das, was geschieht, besser kanalisieren zu können?! Oder: Ist es wirklich so wichtig, die Sitzung detailliert bis zum Ende durchzuziehen, und damit die Zeit des gemeinsamen Essens stark zu verkürzen? Kann es nicht sein, dass im gemeinsamen Essen und Feiern manche Probleme anders und besser gelöst werden? Für das Miteinander von einheimischen und zugewanderten Christen kann dies bedeuten, dass man Elemente der anderen Kultur in die eigene Praxis miteinbaut.

<sup>19</sup> Vgl. Bennett 51-59 (wie Anm. 6).

<sup>20</sup> An dieser Stelle der Unterscheidung zwischen Sympathie und Empathie ist der Ansatz der „hermeneutischen Stufen“ von SUNDERMEIER, Theo: *Den Fremden verstehen. Eine praktische Hermeneutik*, Göttingen 1996, 137-197 zu erwähnen. Er unterscheidet auf dem Weg zum Verstehen des Fremden zwischen der „distanzierten Wahrnehmung“, der „teilnehmenden Beobachtung“, der „(Teil-) Identifikation“ und der „Konvivenz“. Die teilnehmende Beobachtung des Fremden verbindet Sundermeier mit dem Stichwort der „Sympathie“, die (Teil) Identifikation mit „Empathie“; mit seiner „praktischen Hermeneutik“ zum Verstehen des Fremden steht Sundermeier dem Ansatz von Bennett nahe. Die Haltung der Sympathie ist nach Bennett noch Ausdruck einer ethnozentrischen Haltung.

Eine Herausforderung der interkulturellen Haltung der „emphatischen Adaptation“ mag darin bestehen, dass die Empathie nicht erwidert wird. Eine Gefahr der empathischen Haltung mag darin liegen, dass man in seinem interkulturellen Enthusiasmus die schmerzhaft kulturelle Unterschiedlichkeit nicht mehr wahrnimmt. Eine gesteigerte Form der Adaptation sieht Bennett<sup>21</sup> dort, wo Menschen Prägungen und Verhaltensweisen mehrerer Kulturen in sich aufgesogen haben und je nach Kontext gewisse Kulturprägungen ausleben. Solche Menschen überfordern oft ihr Umfeld, weil sie von anderen dieselbe interkulturelle Offenheit einklagen.

So ist eine besondere Form der interkulturellen Sensibilität nach Bennett zuletzt das *Integrieren*.<sup>22</sup> Wer auf dieser „Brücke“ unterwegs ist, trägt in sich diverse Kulturprägungen, bewegt sich sicher in verschiedenen Kulturen und bringt je nach Kontext unterschiedliche kulturelle Verhaltensweisen und Werte zum Tragen.

Einmal macht es Sinn, ein klares Nein zu formulieren, ein anderes Mal kann man nach gut zentralafrikanischer Tradition das Nein gekonnt und lobend umgehen. Ist es gut, direkt auf einen Fehler hinzuweisen, den man selbst oder jemand anderes begangen hat? Im deutschen Kontext ist es tendenziell gut; im zentralafrikanischen Kontext ist es tendenziell schlecht. Es könnte jedoch in einigen Fällen gut sein, in Zentralafrika einen deutschen Stil anzuwenden und umgekehrt. Die Möglichkeit, beide Stile zu verwenden, ist Teil der integrativen Haltung.

Je nach Situation entscheidet man sich bewusst für eine bestimmte kulturell geprägte Handlungsweise, gegebenenfalls auch ganz anders, als es der Kultur entspricht. Die ethische Betrachtung des Kontexts bei einer Entscheidung ist Teil der Integration.

Solche Personen mit integraler interkultureller Sensibilität stehen in den menschlichen Gemeinschaften eher am Rande. Bennett spricht von „konstruktiver Marginalität“.<sup>23</sup> In ihrer Fähigkeit, sich ihre kulturelle Prägung immer wieder selbst neu zu schaffen, sind sie zwar kreativ und exzellente Brückenbauer in interkulturellen Konflikten, doch sind sie tendenziell verletzlicher und einsamer als die anderen, die sich in den herkömmlichen menschlichen Kulturgruppen verorten können. Wenn man als junger Mensch viele Jahre in einer anderen Kultur arbeitet oder studiert, kann es passieren, dass man sich am Ende weder in der Herkunftskultur noch in der neuen Heimatkultur akzeptiert fühlt. Dennoch sind, nach Bennett, gerade diese

<sup>21</sup> Bennett, 54-58 nennt dies die pluralistische Form der Adaptation.

<sup>22</sup> Vgl. Bennett 59-65 (wie Anm. 6).

<sup>23</sup> „Constructive Marginality“ (Bennett 63), vgl. Bennett 63-65 (wie Anm. 6).



Menschen für die Entwicklung der interkulturellen Sensibilität einer Gemeinschaft oder Gesellschaft extrem wichtig, weil sie in interkulturellen Streitigkeiten über Werte vermitteln und achtungsvollen Dialog anleiten können.

### 3. INTERKULTURELLE SENSIBILITÄT LERNEN

Abgesehen vom Ausgangspunkt der interkulturellen Ignoranz und Isolation haben alle Aufgaben der interkulturellen Sensibilität ihre Stärken und ihre Schwächen. Im Blick auf diese Möglichkeiten des interkulturellen Umgangs ist es zuerst wesentlich zu erkennen, in welcher Position man sich angesichts eines bestimmten fremden kulturellen Kontextes selbst befindet. Von dieser Standortbestimmung aus kann man erahnen, was die nächste Aufgabe sein könnte. Will man andere auf diesem Weg mitnehmen, ist zu beachten, dass man seinen eigenen Weg nicht zum Maßstab für alle machen kann. Jeder muss seinen Weg gehen. Die Aufgabe des interkulturellen Wegbegleiters ist es, den anderen zu helfen zu erkennen, wo sie stehen und welche Aufgabe sie in ihrer interkulturellen Haltung nun vor sich haben. Sowohl Standpunkt als auch Aufgabe können nicht im Blick auf alle kulturellen Kontexte verallgemeinert werden. Es kann sein, dass man z.B. gegenüber bestimmten schwarzafrikanischen Kulturen schon dabei ist, das Anpassen einzüben, während man gegenüber manchen asiatischen Kulturen noch am Anfang steht und in Abgrenzung und Bewunderung die Unterschiedlichkeiten zu fassen versucht.

Für den Weg von Integration und Inklusion im Kontext von Kirche und Gemeinde bedeutet dies, dass man Geduld haben muss, und zwar mit allen Beteiligten. Dabei sollte man sich davor hüten, eine Gruppe von Menschen, hier besonders eine christliche Gemeinde, auf ein bestimmtes interkulturelles Verhalten zu verpflichten. Man kann sie aufgrund des Liebesgebots Jesu dazu verpflichten, sich mit dem Thema auseinanderzusetzen und sich auf den Weg der interkulturellen Begegnung zu machen. Manche Gemeindeglieder öffnen sich schneller andere langsamer, je nachdem, wo sie auf dem Weg der interkulturellen Dynamik im Blick auf eine bestimmte fremde Kultur stehen. Auch die zugewanderten Christen brauchen ihre Zeit im fremden Deutschland, sich selbst und ihren Weg der Integration zu finden. In dieser Zeit des Übergangs ist es wichtig, Brücken zu bauen. Auf allen Seiten braucht es Menschen, die sich auf das Fremde eher einlassen können als andere. Diese Menschen gilt es wahrzunehmen, zu ermutigen und zu begleiten.

Als Brücken braucht es neben den Menschen auch Strukturen, in denen Begegnung möglich ist: Gemeindefreizeiten, an denen auch die Mitglieder „der Anderen“

teilnehmen können; gemeinsame Feste und Mahlzeiten; das wechselseitige Teilnehmen am Gottesdienst des Anderen. Besonders die Mitglieder der Mehrheitsgesellschaft sind herausgefordert, Türen zu öffnen und Schritte der Begegnung zu wagen: Z.B. beklagen sich afrikanische Pastoren in Deutschland zurecht, dass sie natürlich immer wieder zu Veranstaltungen der deutschen Gemeinde kommen sollen, doch auf die Einladung, am afrikanischen Gottesdienst teilzunehmen, reagiere kaum jemand von den alteingesessenen deutschen Gemeindegliedern. Begegnung sollte nicht nur im sicheren Umfeld der Mehrheitsgesellschaft sondern auch im fremden Terrain der Minderheiten gewagt werden.

Es braucht Geduld und einen langen Atem. Der Weg der Integration mag mehrere Generationen dauern. Doch hat allein die Geschichte der deutschen Baptistengemeinden in der Mitte des 20. Jahrhunderts gezeigt, als Tausende von Kriegsflüchtlingen in das zentraleuropäische Deutschland drängten, dass in der baptistischen Glaubenshaltung eine starke Integrationskraft ruht.

Wichtig ist, dass man sich vor Verallgemeinerungen in Acht nimmt und niemanden überfordert, weder sich selbst noch die anderen. Das Modell von Bennett hilft zur eigenen Standortbestimmung und zum Erkennen des interkulturellen Standorts der Menschen um uns herum. Von da aus kann man konkrete und machbare Schritte des interkulturellen Lernens gehen.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional